

NORDESTINOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (RJ): SUJEITOS PARA PENSAR A IDENTIDADE NORDESTINA

Pedro Meirelles¹

Resumo: O artigo apresenta os primeiros resultados do projeto de pesquisa que investiga como estudantes nordestinos negociam a identidade nordestina no contexto migratório em direção à Universidade Federal Fluminense (RJ). Partimos de uma breve contextualização em torno do fenômeno da migração enquanto objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, no Brasil muito associado ao próprio povo nordestino. Em seguida, apresentamos algumas problemáticas teóricas e metodológicas do fazer pesquisa “sobre nordestinos”, o que implica tanto uma naturalização de um recorte socialmente aceito, porém fundamentalmente cheio de diferenças internas. Apresentamos, então, os resultados da primeira etapa do desenho metodológico da pesquisa, com dados sobre nordestinos a partir de duas fontes de dados: a própria universidade e um levantamento conduzido via internet. A partir das respostas obtidas pelo formulário, indagamos alguns pontos comuns em nossas vivências que respondem às provocações anteriores, admitindo o “lugar da diferença” que nos une.

Palavras-chave: nordestinos, migrantes, universitários, identidade.

O NORDESTINO É, ANTES DE TUDO, UM MIGRANTE?

Se partirmos do pressuposto de que toda identidade é construída a partir da diferença (SILVA, 2014), e a identidade nordestina está ancorada num critério territorial (referente à região Nordeste), poderia-se afirmar que o movimento migratório é fundamental para a ideia de nordestinidade. Essa migração, entretanto, como mostra Albuquerque Jr. (2011), não precisa necessariamente ser de dentro para fora da região: os primeiros relatos que criaram a categoria “nordestinos” foram elaborados também por jornalistas de São Paulo em viagens exploratórias no início do século XX, como no caso de Euclides da Cunha para os cadernos paulistas.

Não é de se estranhar, portanto, que muito da literatura acadêmica – de diferentes áreas do conhecimento, como Geografia, História, Sociologia etc. – tenha desenvolvido um interesse particular sobre esse fenômeno, como se o caso da migração no Brasil fosse quase que também sinônimo de povo nordestino. Partindo de alguns autores que conceituam o fenômeno da migração, Nascimento (2019) levanta alguns autores que propõem tipologias para os estudos migratórios, como no caso de Camara

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (PPCULT/UFF). E-mail: pedrorcmeirelles@gmail.com.

(1998) e Salim (1992), que apontam as desigualdades econômicas regionais como o principal fator por trás desses fluxos de deslocamentos.

O foco desses trabalhos, entretanto, assim como nas críticas dirigidas aos modelos interpretativos tradicionais feitas por Silva e Menezes (2007), estavam na perspectiva macroestrutural que envolve, principalmente, uma análise sobre a (re)distribuição da força de trabalho e fluxo migratório (origem e destino; permanência e retorno). Ainda que outras autoras e autores, como apontado também no levantamento de Matos (2019), coloquem o migrante enquanto sujeito social, a interpretação estruturalista que também relaciona o migrante à tríade Nordeste-seca-migração ainda prevalece em vários desses estudos (GUILLEN, 2011).

Mais recentemente, a conjuntura socioeconômica brasileira criou um cenário que segue complexificando a migração no Brasil: os migrantes universitários. Esses sujeitos são frutos da aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como processo de admissão nas universidades federais e a consolidação do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), desenvolvido em 2010 pelo Ministério da Educação (LI, 2016), que dão uma “nova cara” aos migrantes nordestinos. A busca por novas oportunidades e/ou melhores condições de vida ainda é uma grande motivação para esse movimento migratório (OMIJA, FUSCO; 2015), mas agora sob outras circunstâncias.

Alguns trabalhos² da última década têm pensado a migração a partir de uma perspectiva ainda mais subjetiva do que aqueles levantados por Nascimento (2019), que trazem o sujeito nordestino migrante sob o enfoque do processo social, agora destacando as questões e os embates do encontro com “o outro”. Esses estudos surgem à luz da popularização das teorias pós-modernas e pós-coloniais³, que trazem à tona as diferenças identitárias fruto dos deslocamentos (físicos e/ou sociais). O jogo das identidades, que envolve questões e conceitos complexos – como representação, discurso, estereótipo etc. – ganha mais vazão.

² Ver Freitas (2017) e Freitas (2020).

³ Consideramos aqui as teorias pós-modernas (ou pós-estruturalistas) como aquelas frutos dos trabalhos de Michel Foucault e Jacques Derrida, para citar apenas dois nomes, em que há, de modo geral, uma crítica às grandes narrativas encompassadoras e às totalidades hierárquicas; já as teorias pós-coloniais são aquelas que trazem discussões propostas por autores como Edward Said e Homi Bhabha, que tomam uma perspectiva a partir das margens e periferias para pensar a questão do poder e da violência, chamando a atenção para a arena de disputas da cultura e suas condições de “vozes subalternas”.

Essas questões atravessam o sujeito-pesquisador⁴ que, no contexto já descrito anteriormente, passa a vivenciar as consequências da migração – e do “ser migrante” – num espaço completamente novo, que demarca sua diferença sob o critério do lugar de origem. Ao mesmo tempo, passa também a ter acesso às discussões e aos estudos que tanto explicam os processos de construção social e histórica das identidades (HALL, 2006) quanto localizam o Nordeste e os nordestinos na produção de um imaginário social (e acadêmico) precisamente definidos (ALBUQUERQUE JR., 2011). Essas duas condições são fundamentais para as questões a serem levantadas.

É, portanto, a partir de todas essas questões que o projeto de mestrado deste autor no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense se desenvolve. O projeto “VOCÊ NÃO É DAQUI, NÉ?": identidades e diferenças de sujeitos nordestinos na Universidade Federal Fluminense”⁵ pretende investigar como estudantes nordestinos negociam a identidade nordestina nesse espaço, levantando para discussão essa própria identidade no sentido mais literal/denotativo e no sentido mais simbólico/cultural. Como hipótese, trazemos a ressignificação do estigma como possibilidade para construção de outros capitais.

Este artigo apresenta os primeiros resultados desta pesquisa, respondendo – de modo bastante amplo – a uma das questões fundamentais do trabalho: quem são (ou “onde” estão) os nordestinos da UFF? Apresentamos aqui as informações adquiridas na primeira etapa do processo metodológico desenvolvido, que envolveu o levantamento de dados a partir de duas fontes diferentes: a própria universidade, através da Pró-Reitoria de Graduação, e um formulário on-line divulgado através de sites de redes sociais. À análise, também já propomos algumas questões importantes que surgiram nesse primeiro momento, começando pelo próprio recorte metodológico.

AS PROBLEMÁTICAS DA IDENTIDADE NORDESTINA ENQUANTO ABORDAGEM TEÓRICA E RECORTE METODOLÓGICO

⁴ Embora as posições-de-sujeito sejam muito diferentes, vale aqui uma analogia com a expressão “outsider within” proposta por Patricia Hill Collins (2016) no sentido de sujeitos não são apenas pesquisadores nem somente objetos, mas ocupam esse lugar intermediário cuja experiência de vida também levanta questões fundamentais à pesquisa.

⁵ Título temporário.

Discutir como estudantes nordestinos(as) negociam a identidade nordestina em suas experiências e vivências na Universidade Federal Fluminense significa, antes de qualquer coisa, assumir que ela existe. Esse compromisso se concretiza em duas frentes que se entrelaçam, mas que também se diferem: na constatação de que há uma ampla literatura acadêmica que “inventa” (ou registra a invenção) o Nordeste e os nordestinos enquanto categoria identitária (PENNA, 1992; ALBUQUERQUE JR., 2011); e no próprio contexto metodológico da pesquisa, em que os sujeitos em questão se compreendem como parte desse grupo supostamente homogeneizado.

A problemática que se desenvolve em ambos os casos está na generalização tão comumente aceita e, ao mesmo tempo, renegada pelos(as) próprios(as) nordestinos(as). Uma pesquisa que pretende falar sobre ou falar pelos(as) nordestinos(as) acaba por cometer o próprio equívoco com o qual tenta romper: unir baianos(as), sergipanos(as), alagoanos(as), pernambucanos(as), paraibanos(as), potiguares, cearenses, piauienses e maranhenses na mesma posição de “nordestinos”. E mesmo no processo de campo, realizando o levantamento dos dados, coloca em jogo a questão: o que faz ser nordestino? Basta apenas ter nascido em algum dos nove estados do Nordeste?

O primeiro passo metodológico da pesquisa foi justamente solicitar à universidade quaisquer dados referentes a esses sujeitos, como início da jornada cujo objetivo final – e principal – consiste em entrevistá-los para tentar responder a principal pergunta do projeto. No entanto, já nesse momento a questão “o que faz ser nordestino” surgiu: afinal, como a universidade fez o levantamento dos 634 alunos “do Nordeste”? A Pró-Reitoria de Graduação considerou o estado de nascimento dos alunos ou o estado onde fizeram o Ensino Médio? Um questionamento que pode parecer simples⁶, mas que já traz à tona um fator importante nessa discussão: as migrações interestaduais.

Essa problemática já pôde ser um pouco destrinchada no segundo passo metodológico, que consistiu em divulgar através das plataformas de mídias sociais (Facebook, Instagram e Twitter) um formulário que tanto pudesse servir de comparativo

⁶ No caso deste autor, por exemplo, que é também sujeito desta pesquisa, há um nascimento e vivência em Salvador (BA) até os cinco anos, e posterior migração para Aracaju (SE) dos cinco aos 17. Se essa mudança tivesse sido para algum outro estado fora da região Nordeste, em que os anos de vivência (e de amadurecimento para a vida adulta) fossem contemplados no Rio Grande do Sul ou em São Paulo, por exemplo, seria entendido como nordestino? Ou teria sua identidade nordestina questionada, por si mesmo e pelos outros?

para os dados disponibilizados pela UFF quanto complementasse – e previsse, em direção às entrevistas – algumas informações relevantes para a pesquisa. Nesse momento, os(as) participantes responderam não apenas a pergunta “em qual estado você nasceu?”, mas também “em qual estado você passou a maior parte da sua vida?”. E mesmo assim, outra questão surgiu: quem se diz nordestino?

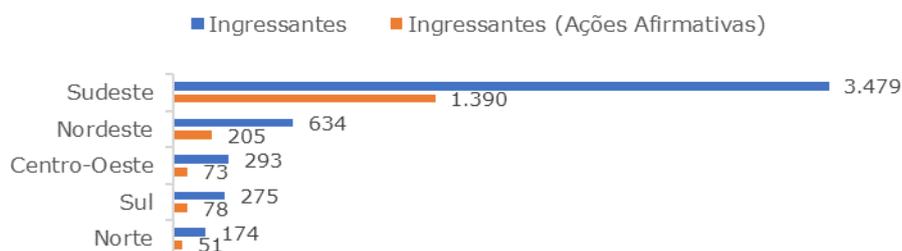
Como discutiremos mais adiante, doze pessoas responderam que tanto nasceram no Rio de Janeiro quanto passaram a maior parte da vida também no Rio de Janeiro. Ou seja, mesmo uma alternativa metodológica que tente dar conta de complexificar a suposta simplicidade de quem são os tais sujeitos nordestinos em seu sentido denotativo acaba também por expor a sua fragilidade no trabalho de campo. Nesse sentido, levantam-se algumas hipóteses possíveis, como família migrante ou realmente um recorte temporal que explique essa associação – como um nascimento fluminense, formação juvenil nordestina e retorno ao RJ na adolescência, por exemplo.

Independente dessas possibilidades, que serão discutidas junto à apresentação dos dados levantados mais adiante, o que fica evidente é a complexidade de se trabalhar com essa temática no contexto em que discutimos aqui. Na tentativa de desmontar o Nordeste, chamando a atenção para a pluralidade de vivências e experiências que estudantes dos nove diferentes estados trazem consigo, acabamos reféns da própria nomenclatura generalizada que não somatiza, mas diminui as diferenças em uma única categoria. Do mesmo modo, é a legitimação desse termo que tanto convida os respondentes a participarem da pesquisa, quanto cria problemáticas para análise.

NORDESTINOS NA UFF: DUAS FONTES DE DADOS POSSÍVEIS

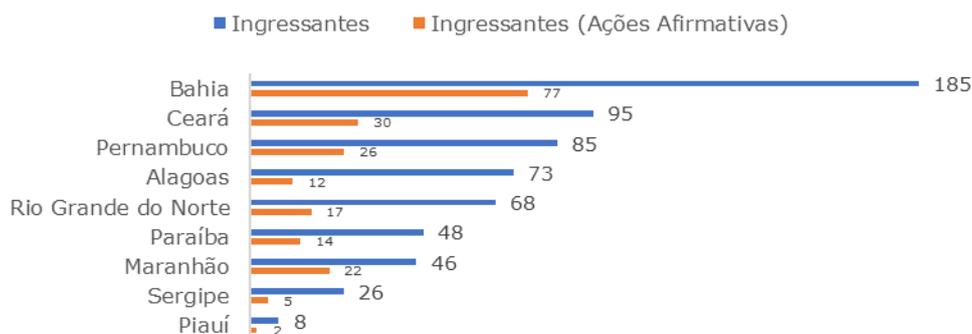
Os dados “oficiais” (institucionais) da pesquisa foram solicitados à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e à Coordenação de Seleção Acadêmica da Universidade Federal Fluminense (COSEAC) entre junho e julho de 2019. Adquirimos, com essa solicitação: o número total de alunos ingressantes por estado desde 2013, quando a universidade aderiu ao SiSU; o número de ingressantes por estado em cada ano/semestre; o número de ingressantes em cada curso por estado; e o número de ingressantes de outros estados - com exceção do Rio de Janeiro (ambos os últimos com o recorte de tipo de ingresso - ampla concorrência ou ações afirmativas).

Figura 1: Número de ingressantes (com o recorte de ações afirmativas) na Universidade Federal Fluminense por região em 2019.1 desconsiderando o Rio de Janeiro. Fonte: Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD). Gráfico: O autor.



Como demonstrado na Figura 1, o Nordeste é a segunda região com o maior número de ingressantes de outros estados (32% por ações afirmativas), atrás apenas da soma de ingressantes de São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais (40% por ações afirmativas). Já o Centro-Oeste (25% por ações afirmativas) acumula menos que a metade do número de ingressantes do NE, seguido do Sul (28% por ações afirmativas) e do Norte (29% por ações afirmativas). Investigar as justificativas por trás desses números exigiria um outro trabalho completamente diferente, mas aqui optamos por apresentar esses dados para ilustrar o quadro geral de migrantes nordestinos.

Figura 2: Número de ingressantes (com o recorte de ações afirmativas) de estados da região Nordeste na Universidade Federal Fluminense por região em 2019.1. Fonte: Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD). Gráfico: O autor.



Os 634 ingressantes do Nordeste (68% de ampla concorrência ou transferência e mobilidade acadêmica; e 32% de ações afirmativas) estão representados na Figura 2, por estado. Os alunos são majoritariamente das áreas das Ciências Sociais Aplicadas (29%) e Ciências Humanas (24%), seguidos das Ciências Exatas e da Terra (9%);

Ciências da Saúde (9%); e Linguística, Letras e Artes (8%). Distribuídos em 71 cursos, os dez que mais receberam nordestinos foram: Letras (29 ingressantes), Pedagogia (22), Ciências Biológicas (21), Cinema e Audiovisual (21), Direito (21), Serviço Social (21), Geografia (20), Relações Internacionais (20), Psicologia (18) e Administração (17).

É importante reforçar que esses dados não respondem – de forma direta – ao objetivo da pesquisa que se desenvolve, servindo apenas de aporte metodológico para possíveis considerações analíticas e discussões teóricas que possam vir a se dar a partir da última fase do projeto, as entrevistas; além de servir para possíveis pesquisas futuras. A proposta aqui é pintar um quadro geral sobre esses sujeitos, apresentando os dados sem necessariamente entrar nas questões por trás deles, mas também pavimentando o caminho para as etapas seguintes, podendo servir de referencial quantitativo para a priorização na escolha de certos sujeitos quando estritamente necessário.

Já os dados levantados a partir do formulário on-line caminham em outra direção: em vez de tentar reforçar (ou até recriar esse quadro), tenta complementá-lo com outras informações direcionando ao objetivo final da pesquisa. As perguntas respondidas por ambos são acompanhadas de outras informações que também podem ser relevantes para serem levadas em consideração mais adiante, como já explicamos anteriormente quanto ao lugar onde nasceu e lugar onde passou a maior parte da vida. As questões abertas também fomentam discussões importantes a serem travadas mais adiante, que serão destrinchadas com mais densidade durante as entrevistas.

A divulgação do formulário foi feita, principalmente, durante o mês de junho de 2020 em três grandes sites de redes sociais. No Facebook, foram mapeados mais de 60 grupos públicos e privados associados à UFF (embora sem relação institucional, gerido pelos próprios discentes) para que fosse feita a divulgação do formulário on-line. No Instagram, foi criado um perfil - @nordestinosnauff - que contou com a divulgação de várias atléticas (coletivos esportivos da universidade) após solicitação. E, por fim, no Twitter, a divulgação foi feita através do perfil pessoal do pesquisador, contando com a lógica de compartilhamento (retweet) da plataforma.

Foram obtidas 116 respostas, das quais 103 foram consideradas válidas – respondentes que marcaram a opção de aluno de graduação. Alunos de 43 cursos diferentes participaram, dentre os quais se destacam Relações Internacionais (11

respostas), Medicina (7), Desenho Industrial (6), Psicologia (6), Enfermagem (5), Produção Cultural (5), Letras (4), Ciências Biológicas (4), Cinema e Audiovisual (4), Geografia (4) e História (4). A proporção de 68% de ingressantes por ampla concorrência segundo os dados da UFF se manteve equilibrada, com 62% dos participantes informando esse tipo de ingresso no formulário.

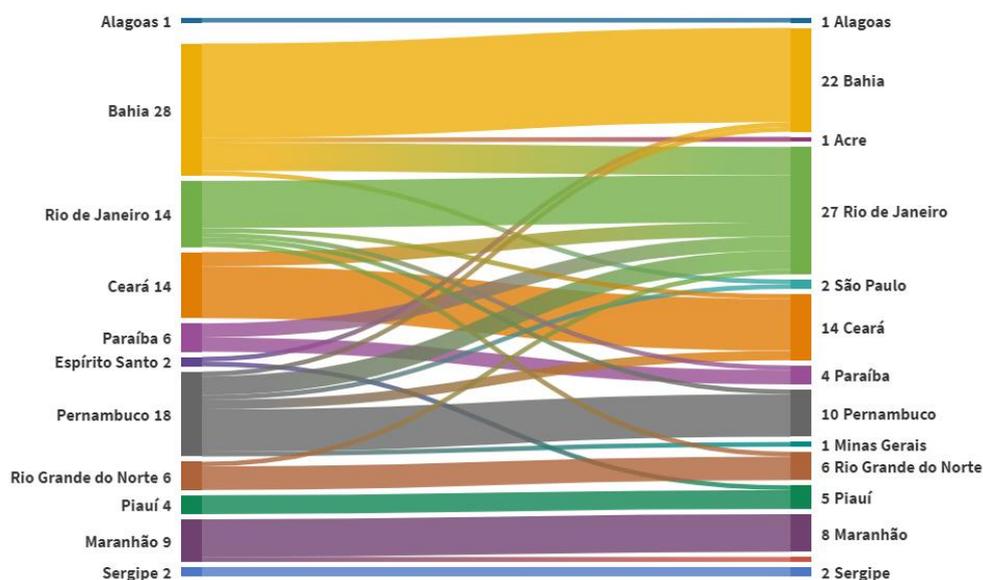
O ingresso dos alunos se distribui de modo razoavelmente estável entre os anos de 2013.1 e 2020.1, embora de 2014 em diante – quando o SiSU é adotado pela UFF – a imigração passe a ser mais constante, embora sem grandes picos. Quanto à idade, mais de 70% dos respondentes se encontram na faixa entre 18 e 24 anos, o que corresponde, de certo modo, a uma fase inicial da vida adulta. Dos 25 aos 30, foram quase 20% participantes, ou seja, a soma dessas duas faixas – que são jovens – corresponde a praticamente 90% das respostas. Esse recorte etário é importante de se levar em consideração quando se fala de processo de construção de identidade.

Quanto à autodeclaração de raça, 53% dos participantes se definiram como brancos(as), 32% como pardos(as) e 14% como pretos(as) – somente com uma pessoa indígena. Mulheres cis correspondem a 60% dos respondentes, enquanto homens cis correspondem a 36% – duas pessoas optaram por não responder e uma mulher trans e uma pessoa não-binária também participaram. Vale pontuar que esses dados não podem - nem tinham a pretensão – de representarem os nordestinos da UFF em sua totalidade, visto que não houve uma preocupação com possíveis cálculos estatísticos de amostragem, mas conhecer um pouco dos sujeitos da pesquisa.

COMPLEXIFICANDO OS “NORDESTINOS” E A IDENTIDADE

Uma das informações mais interessantes que o formulário pôde levantar diz respeito ao sentimento de origem e/ou pertencimento dos sujeitos, fundamental para esta pesquisa. Como já adiantamos, os dados institucionais da UFF não são capazes de destrinchar essas complexidades, visto que a categoria “nordestinos” é fruto de um processo de produção identitária bastante complexo. No formulário, há tanto respondentes que nasceram em estados do Nordeste, mas migraram para outras regiões (como Norte ou Sudeste); quanto pessoas que nasceram no Sudeste – Rio de Janeiro e Espírito Santo – e migraram para estados do Nordeste (como Bahia e Piauí).

Figura 3: Migração dos sujeitos entre os estados que nasceram x os estados onde passaram a maior parte das suas vidas. Fonte: O autor.



Das 14 pessoas que responderam terem nascido no Rio de Janeiro, somente quatro migraram para o Nordeste; outras dez também colocaram o estado como lugar onde passou a maior parte da vida (além da capital, destaque também para o município de São Gonçalo). O que nos leva à pergunta: por que essas dez pessoas acharam que uma pesquisa sobre e direcionada a nordestinos(as) também poderia contemplar suas respostas? Visto que todos tem menos de 30 anos (somente um tem 29, todos os outros são menores de 25), a hipótese de uma infância no Nordeste pode ser levantada, ou, talvez mais provável, filhos de famílias migrantes.

Curiosamente, talvez por falta de compreensão da pergunta, nenhuma dessas pessoas elencou “nordestino(a)” como uma das três palavras que definiria suas identidades. A rede de co-ocorrências na Figura 4 expõe todos os termos utilizados pelos respondentes, nas quais as conexões representam aqueles que apareceram juntos. Para além daquelas que ficaram mais à margem e informam termos que só apareceram em uma ou duas respostas (por exemplo, o agrupamento "desafio", "comprometimento", "paixão", no canto superior esquerdo, representa uma delas), mais ao centro estão os termos que apareceram em diferentes respostas várias vezes.

O tamanho dos círculos por trás das palavras representa a frequência de ocorrência com que apareceram nas respostas, mostrando que "nordestina" e "nordestino" – que aparecem, respectivamente, 15 e 12 vezes, atrás apenas de “mulher” (17), seguido de “cearense” (7), “baiana” (7) e “forte” (7) – foram, sim, alguns dos termos únicos mais populares. No entanto, proporcionalmente, palavras mais associadas às personalidades das pessoas foram bem mais frequentes. Esses termos de perspectivas referentes à personalidade estão representados com a cor rosa, bem dispersas por toda a rede, o que mostra como foi comum em diversas respostas.

A rede reflete duas questões importantes a serem consideradas: 1) a dificuldade de traduzir as discussões sobre identidade no sentido teórico da academia aos sujeitos que não necessariamente conhecem esse debate e; 2) o modo múltiplo como as pessoas se definem, sem essencialmente entrar em questões compreendidas como sociais e/ou políticas. Trata-se, portanto, de duas dificuldades, teórica e metodológica, que complexificam as discussões a serem travadas no projeto. Isso significa, de modo prático e como já apontamos anteriormente, optar deliberadamente por um recorte que também cai na armadilha de definir o que se pretendia expandir.

O QUE NOS UNE?: PROJETO DE VIDA, MIGRAÇÃO E XENOFOBIA

A grande maioria das respostas que indicam os motivos pelos quais esses sujeitos optaram pela UFF aponta a ideia de projeto de vida como principal fator, elogiando a instituição pela sua qualidade de ensino e possíveis portas abertas no mercado de trabalho. Nesse sentido, embora a migração específica para Niterói/RJ não se justifique, é possível associar o contexto histórico, social e econômico dos investimentos federais em educação e empregos a esse fenômeno já conhecido: se a maior parte do capital (em seu sentido mais amplo) ainda está concentrado numa região específica, ela se torna o principal destino daqueles em busca de melhoria de vida.

Alguns respondentes chegaram também a relatar a falta de cursos específicos nas universidades mais próximas de suas cidades e/ou dos seus estados, o que reitera o argumento anterior (muitos citam o famoso “eixo RJ-SP”). Ainda assim, muitos apontam um desejo de mudança como algo positivo, uma nova experiência a ser enfrentada de modo a oferecer, também, novas possibilidades. Como discutido por

Velho (2010), trata-se também de uma expansão das possibilidades dos seus projetos de vida, muitas vezes associado ao capital econômico, mas também a outros tipos de capitais, como no caso da sexualidade:

“Como sou de uma cidade do interior, quis estudar na UFF por melhores chances acadêmicas (e profissionais), além da possibilidade de poder viver minha própria sexualidade sem o típico preconceito de cidade pequena.” (RESPONDENTE A, 2020).

Por outro lado, vários respondentes também apontavam para um fato cuja premissa estava equivocadamente estabelecida pela pesquisa: a migração não veio (apenas) com o processo seletivo do Ensino Superior, mas (às vezes muito) antes com a migração da própria família (já estabelecida no RJ). Relatos de pessoas que “seguiram” o pai, a mãe, a irmã, ainda quando adolescentes ou após os 18 anos foram frequentes. Nesse sentido, muitas pessoas apontaram a universidade como uma opção plausível devido à própria localização, ou seja, por já se encontrar estabelecido(a) nas proximidades (São Gonçalo, Niterói e até Saquarema), com acesso facilitado.

A experiência de morar em outra cidade/estado é encarada pela maioria dos respondentes como um desafio que, apesar das dificuldades, permite também a colheita de diversos frutos positivos. O amadurecimento pessoal (e profissional) é reflexo de uma nova leva de responsabilidades que, principalmente para pessoas brancas e de classe média, fazem parte da transição para a vida adulta. Essa é uma questão que, por exemplo, também não tem relação direta com a migração do Nordeste (pois qualquer migração passaria pelas mesmas dificuldades).

“É uma experiência assustadora mas incrível. Conhecer novos lugares, novas oportunidades e adquirir conhecimento, tem sido maravilhoso. Mas não é fácil ficar longe de casa, longe da minha família, longe da minha cultura. A saudade de casa é grande mas a vontade de estudar e poder voltar pra casa com mais conhecimento é ainda maior. No começo tive algumas dificuldades financeiras, larguei o emprego pra vir pro Rio de Janeiro e a minha família não tem condições de me ajudar financeiramente. Mas por outro lado, em pouco tempo passei a receber suporte financeira da faculdade através dos auxílios que atualmente cobrem o valor do aluguel em uma república e gastos pessoais.” (RESPONDENTE B, 2020).

A ausência de uma estrutura familiar faz falta tanto para as condições financeiras dos alunos - que, não tivessem “optado” por sair das suas cidades, teriam provavelmente moradia e alimentação garantidos, enquanto a migração exige um novo esforço em direção a essas condições básicas de existência; quanto no sentido de apoio

psicológico/afetivo, como base de outros capitais envolvidos. É também sob o pilar familiar que recai outras questões envolvidas, como no caso daqueles que se reconectaram com familiares distantes (migrantes anteriores) ou que vieram acompanhados da família, anterior ao ingresso na UFF.

É nesse contexto que um certo sentimento de entre-lugar se escancara, com alguns depoimentos apontando uma subjetividade construída “a partir dos padrões de socialização de São Gonçalo [...], forçado a apagar [...] traços nordestinos, sobretudo o sotaque, para que pudesse” se encaixar melhor. Essas pessoas acreditam que a criação nos “padrões cariocas”, passando pela “perda do sotaque e aquisição de um novo vocabulário informal específico”, garantiu uma participação mais adequada dentro dos “códigos de socialização de onde morava”, embora conheçam “vários conterrâneos que não tiveram a mesma sorte, sofrendo com a xenofobia”.

“A maior parte da minha vida (pra não dizer toda) foi no Rio de Janeiro, mas nunca me senti daqui porque minha família inteira, por mãe e pai, é do Nordeste (Bahia, Paraíba e Pernambuco). Estávamos sempre indo e vindo pra lá, mas eu não me sentia pertencente nem ao Rio e nem aos 3 estados citados, era quase que um híbrido. Pegava mais na infância, onde as crianças riem do jeito que eu falava algumas palavras e de alguns regionalismos. Na UFF nunca aconteceu, mas sei que também fico me atentando (“não fale x palavra assim”, “não puxe o O pra ser mais aberto”, etc) pela força do hábito que fui desenvolvendo pra que não pegassem mais no meu pé. Apesar disso, me orgulho demais de onde eu vim, do que a minha família é e de todos os esforços de todos pra que eu esteja onde estou e pra onde posso chegar.” (RESPONDENTE C, 2021).

Há uma constante de relatos que apontam um período “difícil” de adaptação (superado), ratificando diferenças culturais sem necessariamente entrar em quais seriam. Dentre aqueles que apontam questões específicas, citam, por exemplo, a diferença nos ritmos das cidades (de onde vieram em comparação com Niterói ou com o próprio Rio de Janeiro) e a sociabilidade entre os sujeitos. Esses dois fatores, entretanto, podem não estar relacionados às diferenças regionais, mas a toda uma vivência específica - de alguém que saiu de uma cidade no interior para uma quase-metrópole; ou, ainda, com o modo como aprenderam a socializar de acordo com os parâmetros familiares.

A percepção da xenofobia, por outro lado, escancara um problema complexo que se alastra arditamente no modo como se manifesta. Um participante relatou que é “frustrante descobrir as impressões deturpadas e erradas sobre o Nordeste da grande maioria dos cariocas”, destacando que “nem sempre essas impressões são ruins, mas

simplesmente erradas, demonstrando uma certa falta de conhecimento e uma grande exotização do Nordeste”. Outras pessoas também apontaram o incômodo em uma xenofobia “velada”, até eventualmente estimulada por professores, em que o preconceito se escancara na ignorância celebrada.

“Como cheguei muito cedo, minha criação foi quase que nos "padrões" cariocas, como reprodução de culturas, comportamento e convívios. Por este fato, não recebi tratamentos de diferença, mas conheço vários conterrâneos que não tiveram a mesma sorte, sofrendo com a xenofobia. [...]”
(RESPONDENTE D, 2021).

Algumas pessoas demonstram uma consciência aguçada no que diz respeito a “padrões” de sociabilidade, em que se destaca principalmente o fator do sotaque - e como utilizá-lo de um modo que torne a experiência menos desgastante. Entretanto, não há autoconsciência que livre até mesmo essas pessoas do processo atormentador de encarar uma mudança tão brusca longe de qualquer base familiar - algo muito celebrado por aqueles que reencontraram membros distantes ou vieram acompanhados. Nesse sentido, o sentimento de solidão deságua na busca por uma rede de apoio para enfrentar tamanho desafio e lidar com tanta saudade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer uma pesquisa sobre nordestinos não é uma tarefa fácil. Conforme tentamos desenvolver minimamente neste artigo, a própria concepção de o que faz ou o que significa “ser nordestino” já traz consigo algumas problemáticas que, à primeira vista, podem passar despercebidas. A generalização em torno de nove estados, conforme regida por um recorte político-administrativo, entrelaça indiscriminadamente milhões de pessoas que carregam consigo as marcas impingidas do Nordeste, principalmente quando colocadas à frente de um processo de deslocamento que escancara essa identidade de “fora” para “dentro”.

O embate com a diferença posiciona esses sujeitos em direção a uma identidade que se escancara devido principalmente às circunstâncias da migração, fenômeno historicamente associado no Brasil ao próprio povo nordestino. Neste artigo, apresentamos como a conjuntura socioeconômica do país tem “mudado a cara” desses migrantes, desta vez em fluxos em direção às universidades, acrescentando novas camadas ao que se costumava estudar sobre esses sujeitos. Com as discussões sobre as

identidades fragmentadas ganhando cada vez mais adesão na produção acadêmica, os sujeitos que passam a ocupar esse espaço são também atravessados por essas questões.

A proposta deste artigo foi apresentar os primeiros resultados obtidos no projeto de mestrado deste autor, que pretende investigar o modo como esses sujeitos negociam a identidade nordestina frente ao processo de migração. O recorte universitário, especificamente na UFF, corresponde à vivência do pesquisador e a relevância do Rio de Janeiro enquanto um dos estados – atrás apenas de São Paulo – como principal destino dos emigrantes nordestinos, também no contexto de formação educacional. Mais adiante, as entrevistas conduzidas com participantes selecionados devem oferecer os insumos necessários para avançar as discussões iniciadas neste trabalho.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR., D. M.. A invenção do nordeste e outras artes. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CAMARA, M. R. G.. Migrações internas: evolução teórica e algumas evidências empíricas para o caso brasileiro. In: Semina: Ci. Soc./Hum. Londrina, 1988.
- FREITAS, L. F. R.. A negociação de significados sobre identidades regionais: modos de ser e de agir de três alunos migrantes em um mundo permeado por estereótipos e preconceitos. In: 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2017, Canoas RS, 2017.
- FREITAS, L. L.. Migrantes nordestinas em São Paulo: trajetórias, interseccionalidades e identidades na migração contemporânea de mulheres nordestinas para São Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Guarulhos, SP: 2020.
- GUILLEN, I. C. M. Seca e Migração no Nordeste: Reflexões sobre o Processo de Banalização da sua Dimensão Histórica. TRABALHOS PARA DISCUSSÃO, nº 111/2001, agosto/2001.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LI, D. L.. O novo Enem e a plataforma Sisu: efeitos sobre a migração e a evasão estudantil. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo: 2016.
- NASCIMENTO, L. M.. Os "retirantes": a seca no ano de 1958 no sertão nordestino sob os olhos da imprensa carioca. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Universidade Federal Fluminense - Instituto de História. Niterói, RJ: 2019.
- FUSCO, W.; OJIMA, R.. Migrações e nordestinos pelo Brasil: uma breve contextualização. In: OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. Migrações nordestinas no Século 21 - um panorama recente, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015. p.11-26.
- PENNA, M.. O que faz ser nordestino: identidades sociais interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.
- SALIM, C. A. “Migração: o Fato e a Controvérsia Teórica”. In: VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Anais, vol.3, São Paulo, ABEP, 1992. pp.119-144.
- SILVA, T. T.. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SILVA, M. A.; MENEZES, M. Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões. Revista Eletrônica do Nead, Brasília/DF, v. 1, p. 1-14, 2007.